



**FAMÍLIA DE ORIGEM E FAMÍLIA ATUAL: O PAPEL MEDIADOR DA
DIFERENCIAÇÃO DO SELF E DA RESILIÊNCIA FAMILIAR**

ANDREIA FILIPA DOS SANTOS RODRIGUES

26742

Orientador de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Professor do Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

ESPECIALIDADE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

2023

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Gouveia-Pereira, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

Primeiramente, um agradecimento à minha orientadora, Professora Doutora Maria Gouveia – Pereira, pela disponibilidade e incentivo demonstrado assim como à partilha do seu olhar clínico.

Às minhas colegas de seminário, agradeço pela partilha e entreaajuda ao longo deste ano, que se tornou fundamental para o terminar deste trabalho.

Às minhas amigas, Mariana, Leonor e Alexandra, um obrigado especial por partilharem esta caminhada comigo, nos bons e nos maus momentos e por a tornarem mais fácil. Pelo apoio, compreensão, companheirismo e cumplicidade ao longo destes 5 anos, sem vocês não teria sido metade do que foi, obrigada.

À minha família, aos meus pais, irmã e avós, por estarem sempre presentes, pelo constante incentivo, apoio, motivação e amor incondicional. Por me verem crescer ao longo deste meu percurso, por ser a quem eu recorro nos momentos mais difíceis, por serem o meu pilar e por fazerem das minhas vitórias as vossas também, obrigada.

Quero agradecer a todos os que estiveram presentes neste meu percurso, todos eles, de alguma forma, contribuíram para o terminar desta etapa.

Resumo

A presente investigação teve como principal objetivo explorar o papel mediador da Diferenciação do Self e as suas dimensões (Posição do Eu, Fusão com Outros, *Cut-off* Emocional e Reatividade Emocional) na relação entre a Resolução dos Conflitos na Família de Origem e o Funcionamento da Família Atual. Para além disto, teve ainda como intuito investigar o papel mediador da Resiliência Familiar na relação entre a Resolução dos Conflitos na Família de Origem e o Funcionamento da Família Atual. Desta forma, o estudo teve a participação de 97 participantes, com idade mínima de 25 anos e que coabitam com o companheiro/a há pelo menos 1 ano. O recrutamento foi feito via online, através do método de amostragem “bola de neve”. O questionário conteve os seguintes instrumentos: Escala da Família de Origem, Inventário do Clima Familiar (ICF), Inventário da Diferenciação do Self – Revisto (IDS-R), Escala de Avaliação da Flexibilidade e Coesão Familiar (FACES IV) e *Walsh Family Resilience Questionnaire*. No que se refere aos resultados, salienta-se que a presente investigação encontrou uma relação significativa entre a Resolução dos Conflitos na Família de Origem e apenas uma das dimensões do Funcionamento Familiar, nomeadamente, a Coesão. Relativamente às variáveis mediadoras apenas o *Cut-off* Emocional mediou de forma significativa esta relação, onde explicou aproximadamente 2.1% da variabilidade da relação da Coesão e da resolução dos conflitos na família de origem. No que respeita a segunda hipótese, este estudo indica que a Resiliência Familiar medeia de forma significativa a relação entre a Resolução dos Conflitos na Família de Origem e a Coesão. Em síntese, os resultados encontrados corroboram a influência das experiências da família de origem no futuro sistema familiar, sendo no seu funcionamento como na resiliência. Por último, para alguns resultados encontrados que não suportam a literatura científica existente, são apresentadas possíveis hipóteses que possam explicar os resultados não significativos, nomeadamente acerca da Reatividade Emocional, Posição do Eu e Fusão com Outros.

Palavras-chave: Família de Origem; Diferenciação do Self; Funcionamento Familiar; Resiliência Familiar

Abstract

The main purpose of this investigation was to explore the mediating role of Differentiation of Self and its dimensions (I Position, Fusion with Others, Emotional Cut-off and Emotional Reactivity) in the relationship between Conflict Resolution in the Family of Origin and Functioning of the Current Family. Furthermore, it also intended to investigate the mediating role of Family Resilience in the relationship between Conflict Resolution in the Family of Origin and Family Functioning. Thus, the study had the participation of 97 participants, aged at least 25 years and who had lived with their partner for at least 1 year. Recruitment was done online, using the “snowball” sampling method. The questionnaire contains the following instruments: Family of Origin Scale, Family Climate Inventory (*FCI*), Differentiation of Self Inventory – Revised (*DSI-R*), Family Flexibility and Cohesion Assessment Scale (FACES IV) and Walsh Family Resilience Questionnaire. Regarding the results, it should be noted that the present investigation found a significant relationship between Conflict Resolution in the Family of Origin and only one of the dimensions of Family Functioning, namely, Cohesion. Regarding the mediating variables, only Emotional Cut-off significantly mediated this relationship, where it explained approximately 2.1% of the variability in the relationship between Cohesion and Conflict Resolution in the Family of Origin. Regarding the second hypothesis, this study indicates that Family Resilience significantly mediate the relationship between Conflict Resolution in the Family of Origin and Cohesion. In summary, the results found corroborate the influence of the experiences of the family of origin on the future family system, both in its functioning and in resilience. Finally, for some results found that do not support the existing scientific literature, explanatory hypotheses are therefore discussed regarding Emotional Reactivity, I Position and Fusion with Others.

Keywords: Family of Origin; Differentiation of Self, Family Functioning; Family Resilience

Índice

Enquadramento teórico	1
O Funcionamento Familiar	1
Funcionamento Familiar e os Conflitos na Família de Origem.....	2
Diferenciação do <i>Self</i>	4
Diferenciação do <i>Self</i> e Funcionamento Familiar	5
Resiliência Familiar	6
Resiliência Familiar e Conflitos na Família de Origem	8
Objetivos e Hipóteses	8
Método.....	10
Participantes.....	10
Delineamento do Estudo.....	11
Instrumentos	12
<i>Questionário Sociodemográfico</i>	12
<i>Escala da Família de Origem</i>	12
<i>Inventário do Clima Familiar (ICF)</i>	13
<i>Escala de Avaliação da Flexibilidade e Coesão Familiar (FACES IV)</i>	13
<i>Walsh Family Resilience Questionnaire</i>	15
<i>Inventário de Diferenciação do Self - Revisto (IDS-R)</i>	15
Procedimento	17
Resultados	17
<i>Relação entre Resolução de Conflitos na Família de Origem e Coesão, mediada pela Reatividade Emocional</i>	20
<i>Relação entre Resolução de Conflitos na Família de Origem e Coesão, mediada pela Posição do Eu</i>	23
<i>Relação entre Resolução de Conflitos na Família de Origem e Coesão, mediada pelo cut-off emocional</i>	26

<i>Relação entre Resolução de Conflitos na Família de Origem e Coesão, mediada pela Resiliência Familiar</i>	31
Discussão	34
O papel mediador da Diferenciação do Self na relação entre a Resolução dos Conflitos na Família de Origem e o Funcionamento da Família Atual.....	34
O papel mediador da Resiliência Familiar na relação entre a Resolução dos Conflitos na Família de Origem e o Funcionamento da Família Atual.....	36
Limitações e Estudos Futuros.....	37
Referências bibliográficas	40
Anexos	46
Anexo A – Questionário Sociodemográfico	46
Anexo B – Escala da Família de Origem e Inventário do Clima Familiar (ICF)	48
Anexo C – Faces IV.....	49
Anexo D – Walsh Family Resilience Questionnaire	51
Anexo E – Inventário de Diferenciação do Self – Revisto (IDS-R).....	54

Enquadramento teórico

O Funcionamento Familiar

Ao longo das décadas o conceito de funcionamento familiar tem sido abordado de diversas formas na literatura, em função da variedade de modelos e teorias que foram sendo desenvolvidas sobre o presente tema (Santos et al., 2021).

O modelo utilizado no presente estudo será o Modelo Circumplexo dos Sistemas Conjugais e da Família, desenvolvido por Olson et al. (1979). No decorrer dos anos este modelo tem sido bastante utilizado na terapia familiar, sendo nos dias de hoje um dos modelos mais utilizados no modelo sistémico (Gomes et al., 2019). Desde o seu desenvolvimento, o Modelo Circumplexo, tem sofrido várias alterações e revisões sendo a sua versão final concebida em 2011, no qual culminou a Escala de Avaliação da Coesão e Flexibilidade Familiar (FACES IV). No decorrer das várias revisões esteve sempre presente um ponto chave, o reconhecimento da flexibilidade e da coesão como componentes fundamentais na melhor compreensão do sistema familiar e de casal (Olson, 2011).

O Modelo Circumplexo descreve o funcionamento familiar em três dimensões, nomeadamente, coesão, flexibilidade e mais tarde a comunicação, sendo estas cruciais para a compreensão e conseqüente processo terapêutico no seio do sistema familiar e conjugal. A coesão familiar pode ser definida como o laço emocional que une os vários membros da família. O ponto fundamental desta dimensão é a forma como o sistema familiar cria um equilíbrio entre a separação e a união. Existem vários níveis de coesão que variam desde famílias desligadas (com um nível muito baixo de coesão, pouco envolvimento entre os membros da família e com uma separação emocional extrema) a famílias emaranhadas (com um nível muito elevado de coesão, grande dependência entre os membros da família e um nível extremo de proximidade emocional). Famílias com este tipo de coesão tendem a ter sistemas familiares disfuncionais e desequilibrados, assim como dificuldades em estabelecer relações a longo prazo (Olson, 2000).

A dimensão flexibilidade pode ser definida como a capacidade da família de liderança, a imposição das regras e a forma como os membros se relacionam entre si. Nesta dimensão mede-se o controlo, os tipos de negociação, a disciplina e os papéis dos diversos elementos da família. Esta dimensão tenta compreender a forma como o sistema familiar tenta equilibrar a estabilidade e a mudança. Os níveis de flexibilidade variam entre rígido, quando existe muito

pouca flexibilidade, a caótico que se define quando existe demasiada flexibilidade. Famílias com níveis equilibrados de flexibilidade, ou seja, estruturado e flexível, tendem a desenvolver famílias e relações conjugais funcionais, em contrapartida níveis extremos de flexibilidade tendem a ter um funcionamento familiar mais desequilibrado assim como maior dificuldade no desenvolvimento de relações a longo prazo (Olson, 2000).

A última dimensão, comunicação, é definida como o estilo de comunicação utilizado pelo sistema familiar ou casal. É medida através das capacidades de escuta, como a empatia e a escuta atenta, clareza, respeito e consideração. Visto ser considerada como a dimensão facilitadora, dos níveis de flexibilidade e coesão familiar, não será incluída no presente estudo. (Olson, 2011).

Funcionamento Familiar e os Conflitos na Família de Origem

Segundo a Teoria de aprendizagem social proposta por Bandura, as crianças no decorrer do seu desenvolvimento vão aprendendo o comportamento social em grande parte devido ao que observam dos seus cuidadores e a forma como estes se relacionam e interagem entre si. A conceção que o indivíduo vai criando acerca do relacionamento conjugal é aprendido e interiorizado através da observação que este faz das interações e relacionamento dos seus progenitores (Rhoades et al., 2012).

De um modo geral, os indivíduos formam um conjunto de expectativas, atitudes e experiências relativamente às relações amorosas, que foram sendo construídas e desenvolvidas junto da sua família de origem e dos seus padrões de comunicação. As famílias de origem podem servir como modelo para as futuras relações dos filhos, ou pelo contrário poderão servir para reforçar o tipo de relação que deveram evitar futuramente (Weigel & Weiser, 2014).

Bowen, ainda hoje, continua a ser um dos autores que alcançou uma das mais conceituadas teorias para a explicação da influência da família de origem nos futuros relacionamentos na vida adulta. Quando o ambiente onde o indivíduo cresceu e se foi desenvolvendo, isto é o ambiente da família de origem, é representado maioritariamente por instabilidade, elevados níveis de stress, ansiedade e conflitos parentais é mais provável que o indivíduo adote e integre nas suas relações românticas essas mesmas estratégias e sistemas disfuncionais. No entanto, considera-se ainda relevante salientar que irá depender também do nível de diferenciação que o indivíduo tem da sua família de origem (Holman & Busby, 2011).

Seguindo esta linha teórica é possível concluir que as relações parentais e familiares influenciam significativamente a forma como os filhos constroem as suas próprias relações com os outros, assim como as relações românticas na adultícia. É, assim, possível retirar como hipótese que relações positivas na família de origem influenciam substancialmente o desenvolvimento de relações e experiências românticas positivas na vida adulta, sendo desta forma possível desenvolver sistemas familiares equilibrados (Rhoades et al., 2012).

Diversas teorias multigeracionais têm vindo a demonstrar que o ser humano vai adquirindo e desenvolvendo as bases para as suas relações interpessoais através do que observa e experiencia no seio da sua família de origem. A dinâmica presente na família de origem é considerada como um legado que se transporta para a trajetória de vida dos seus filhos, influenciando a forma como estes se relacionam numa relação conjugal e posteriormente nas suas próprias famílias (Sabatelli & Bartle-Haring, 2003).

Estudos demonstram que as adversidades e vulnerabilidades presentes na família de origem acabam, de certa forma, por ser transportadas para a posterior relação de casal dos filhos, visto que estas experiências vão moldando o indivíduo e influenciando a forma como este lida e responde às adversidades e eventos stressantes na sua vida de casal e familiar (Costa-Ramalho et al., 2017).

As teorias multigeracionais realçam assim a importância da ligação entre as experiências dentro da família de origem e os modelos de intimidade que os filhos desenvolvem nas suas relações de casal. Acredita-se que a observação de padrões disfuncionais na família de origem dificulta o estabelecimento de relações interpessoais funcionais na vida adulta, isto é, o crescimento no seio de uma família disfuncional interfere de forma negativa com o estabelecimento de relações de intimidade na adultícia (Sabatelli & Bartle-Haring, 2003).

Vários estudos demonstraram associações entre a família de origem e a qualidade das relações interpessoais futuras. Quanto mais as crianças são expostas a conflitos na família de origem, entre os cuidadores, mais hesitantes poderão ficar perante compromissos a longo prazo, assim como terão uma visão mais negativa acerca do que é uma relação amorosa (Weigel & Weiser, 2014).

Um estudo realizado por Monk et al. (2020) com recém-casados, isto é casados à menos de 2 anos, demonstrou que os conflitos na família de origem estavam negativamente associados à qualidade da futura relação, assim como estava positivamente associado aos conflitos no

casal. Foi possível concluir que os conflitos na família de origem estão associados a pior qualidade na relação e a mais conflitos no casal, o que poderá levar a maiores disfuncionalidades familiares.

Diferenciação do *Self*

A diferenciação do *self* é um processo fundamental nos relacionamentos, já que se refere a um processo de individuação e independência emocional. O conceito de “diferenciação do *self*”, proposto por Bowen (1979), refere-se à capacidade da pessoa de se separar emocionalmente e fisicamente da sua família de origem, assim como à capacidade de atingir a maturidade emocional e a independência. (Charles, 2001). A diferenciação do *self* quando construída de forma adequada irá permitir ao indivíduo a capacidade de estar numa relação de intimidade assim como estar em sintonia com o *self* (Gouveia-Pereira & Miranda, 2021).

Este conceito pode ser dividido em dois aspetos distintos, nomeadamente a nível intrapsíquico e a nível interpessoal. O nível intrapsíquico refere-se à forma como os indivíduos gerem as suas emoções e pensamentos perante determinadas situações, fazendo o balanço entre as emoções e o pensamento. O nível interpessoal refere-se à forma como as pessoas se comportam em situações relacionais, assim como à sua capacidade de estar numa relação de intimidade e independência relativamente aos outros, onde se situa a individualidade e autonomia (Bartle-Haring et al., 2019).

Esta diferenciação irá permitir ao indivíduo regular-se emocionalmente e ter um contacto íntimo com o outro sem ser influenciado por este, realizando assim escolhas mais adaptativas (Kerr, 1984). Quando há um equilíbrio este situa-se entre a união e a individualidade. Por outro lado, quando há um desequilíbrio surge a fusão ou indiferenciação, isto é, a dificuldade de uma pessoa em separar a sua esfera emocional e intelectual. Quando tal acontece o indivíduo deixa as suas emoções controlarem a forma como age perante certas situações da sua vida (Lieberman, 1979). Indivíduos com maiores níveis de diferenciação do *self* são vistos como tendo melhores capacidades sociais e relacionais, enquanto indivíduos com baixos níveis de diferenciação tendem a sentir-se mais ansiosos ou desconfortáveis perante relacionamentos e contextos sociais, têm mais dificuldade em gerir situações de stress e são mais prováveis de desenvolver sintomas psicológicos, como a ansiedade (Lampis et al., 2018).

O nível de diferenciação do *self* de um indivíduo na vida adulta reflete o nível de diferenciação que foi desenvolvido enquanto crescia na sua família (Kerr, 1984). Assim como o nível de diferenciação dos progenitores irá ter repercussões nas suas próprias relações familiares. Desta forma é possível afirmar que a diferenciação é fundamental, no sentido que o sujeito vai interagir e relacionar-se com o outro de acordo com os mecanismos e padrões estabelecidos na sua família de origem (Sampaio & Gameiro, 1985).

Diferenciação do *Self* e Funcionamento Familiar

A Teoria dos Sistemas Familiares de Bowen sugere que a diferenciação do *self* é fundamental para o estabelecimento de relações de intimidade a longo prazo (Skowron, 2000).

Cada elemento do casal transporta consigo um modelo de casamento, de parentalidade e de relacionamento social, isto é, um sistema familiar que foi construído junto da sua família de origem. De forma a experienciar um crescimento emocional e para enfrentar da melhor forma os desafios e crises familiares, ambos os elementos do casal terão de passar por um processo de separação, ou seja, de diferenciação das suas famílias de origem. Autores como James Framo consideram a diferenciação como sendo um requisito necessário para um casamento e sistema familiar funcional (Sampaio, 2012).

A diferenciação é considerada como um traço (intrap síquico) individual, no entanto é vista como o resultado do funcionamento e padrões emocionais construídos na família de origem e, conseqüentemente, irá ter repercussões nas gerações seguintes, isto é, no funcionamento e interações da família atual (Calatrava et al., 2022).

As primeiras relações do ser humano com os seus cuidadores terão um grande impacto, tanto a nível emocional como a nível relacional, durante a vida adulta. Posteriormente as relações amorosas que desenvolvemos no futuro tendem de certa forma a recriar o contexto das nossas experiências na infância, tanto as boas experiências como as más (Lampis et al., 2018).

Por norma, o casal inicia a vida a dois com níveis de diferenciação que foram desenvolvidos com as suas famílias de origem e tendem a escolher parceiros com o mesmo nível de diferenciação. Quando há uma grande discrepância entre os níveis de diferenciação no casal poderão surgir problemas, nomeadamente, a nível de conflitos conjugais. A falha na diferenciação do *self* é, muitas vezes, expressa através dos conflitos matrimoniais e conseqüente disfuncionalidade familiar (Bowen, 1976).

Indivíduos que desenvolvem altos níveis de diferenciação têm a capacidade de estar próximos emocionalmente do seu companheiro e terem a capacidade de adaptação a situações particularmente stressantes assim como aos conflitos e tensões que possam surgir durante os seus relacionamentos amorosos. Em contrapartida indivíduos com baixos níveis de diferenciação tendem a ter maiores dificuldades nas suas relações íntimas e amorosas, devido ao facto de serem pouco diferenciadas da sua família de origem. Quanto maior a diferenciação da família de origem de ambos, o casal, maior será a qualidade da relação conjugal (Holman & Busby, 2011). Posto isto, estudos demonstram que níveis mais baixos de diferenciação do *self* iram resultar em mais problemas e conflitos no casal, podendo levar a disfuncionalidades no seio familiar (Bowen, 1976).

Estudos demonstram ainda que áreas específicas do funcionamento da família, a nível físico, emocional e social estão associados às mesmas áreas de disfuncionalidade da família de origem (Klever, 2005).

O nível de indiferenciação é transmitido através do fenómeno da transgeracionalidade, ou seja, o nível de indiferenciação do sistema familiar de origem irá ser projetado e transmitido para os filhos e conseqüentemente para o seu sistema familiar, sobretudo em casos de maior tensão, adversidade ou crise. A família atual ficará assim mais propensa a desenvolver níveis de indiferenciação, reduzindo a sua autonomia e criando mais conflitos (Sampaio & Gameiro, 1985).

A diferenciação do self apresenta-se como uma componente fundamental para o desenvolvimento de relações de intimidade. Recentemente, vários estudos demonstraram que a diferenciação é um dos preditores mais fortes da qualidade das relações amorosas. Indivíduos com altos níveis de diferenciação tendem a ter maiores níveis de satisfação conjugal e maior capacidade de ajustamento perante conflitos conjugais (Lampis et al., 2018).

Resiliência Familiar

A resiliência familiar refere-se à capacidade da família em enfrentar e manter o equilíbrio perante as crises, adversidades, tensões e desafios ao longo da vida, quer sejam dentro ou fora do seio familiar, e aprender e integrar estas experiências nas suas vidas familiares (Walsh, 1996).

A definição de resiliência familiar engloba não só o papel protetor desempenhado pela família nos processos de resiliência do próprio indivíduo, mas ainda tem em conta a relação entre os membros, abrangendo desta forma todo o sistema familiar com o intuito de alcançar e promover o bem-estar da família (Burnette et al., 2020).

As crises e desafios persistentes que atravessam a vida das famílias acabam por influenciar e afetar de alguma forma todo o sistema familiar, onde este tem ou não a capacidade de se adaptar e ajustar perante as adversidades. Posto isto, é possível afirmar que a capacidade de enfrentar as dificuldades e desafios assim como a capacidade de responder de forma adaptativa são fundamentais para a construção da resiliência familiar (Walsh, 2016).

A resiliência familiar pode ser desenvolvida e trabalhada em qualquer ciclo de vida, sendo que as interações e dinâmicas familiares assim como o amor entre os membros da família são fundamentais para o desenvolvimento deste processo. A resiliência é construída e desenvolvida em torno de diversas experiências que vão ocorrendo ao longo da vida e de cada geração, onde o apoio e suporte são cruciais (Walsh, 2016). Famílias resilientes tendem não só a superar e enfrentar os seus problemas como conseguem tornar-se mais próximos e fortes após as adversidades, tanto a nível pessoal como relacional (Black & Lobo, 2008).

A autora Walsh (2016), umas das principais no que diz respeito a este tema, defendeu um modelo de resiliência familiar como forma de orientação, intervenção e prevenção de sistemas familiares em crise, assim como a promoção do bom funcionamento familiar. O modelo da autora consiste em três construtos distintos, nomeadamente o sistema de crenças, isto é o olhar positivo, dar sentido às adversidades e espiritualidade. O segundo construto passa pelos padrões de organização da família como a flexibilidade, a criação de rotinas, despenderem tempo para estarem juntos e os seus recursos sociais e económicos e por último a comunicação e a capacidade de resolução dos problemas como a clareza, a expressão de emoções e a capacidade de colaborar na resolução de conflitos (Burnette et al., 2020).

Alguns pontos cruciais para a resiliência do sistema familiar é a capacidade da família de se reunir em momentos de maior stress e assim diminuir o risco de respostas disfuncionais, promovendo desta forma uma adaptação positiva (Walsh, 2016). A forma como a família lida e se organiza perante o stress, a perda e as crises irá influenciar a adaptação dos elementos da família e as suas relações (Walsh, 2003).

Resiliência Familiar e Conflitos na Família de Origem

A forma como a família gere e lida as situações de maior stress é significativamente influenciada pela forma como a sua família de origem lidou e comunicou perante essas situações. Um estudo feito por Carr & Kellas (2018) concluiu que indivíduos com famílias de origem que apresentavam padrões equilibrados de coesão e flexibilidade através da comunicação mostraram-se mais resilientes quando comparado com famílias com padrões desequilibrados. Estes padrões equilibrados, presentes na família de origem, vão auxiliar posteriormente a futura família a lidar com as adversidades de forma adequada (Carr & Kellas, 2018).

Famílias com experiências de adversidades nas suas famílias de origem, com por exemplo muitos conflitos, poderá mais facilmente influenciar as suas expectativas, passando do otimismo para receios. O mesmo se pode observar para influências positivas, isto é, a forma como a família de origem lidou adequadamente com as crises poderá servir como modelo de resiliência para a família atual (Walsh, 2003).

Estudos revelaram que alguns fatores de proteção para o desenvolvimento de indivíduos resilientes, ou seja fatores que promovem a resiliência na vida adulta, são uma boa relação entre pais e filhos, afeto, mínimo conflito na família de origem e famílias que apresentam uma boa comunicação assim como níveis de coesão e estabilidade equilibrados, isto é, famílias funcionais (Hawley & DeHaan, 1996).

Objetivos e Hipóteses

De acordo com a literatura discutida anteriormente é possível compreender que a família de origem constitui um fator fundamental no funcionamento familiar assim como na construção da resiliência da família atual.

É também descrito na literatura a importância da diferenciação do *self* na família, isto é, o nível de diferenciação de um indivíduo não só é refletido através do seu funcionamento individual como também no funcionamento que vai desenvolvendo junto da sua própria família (Klever, 2005).

Autores como James Framo propõem e sugerem, na Terapia Familiar Sistémica, a inclusão das famílias de origem com o intuito de serem trabalhadas as questões e problemáticas da transmissão transgeracional, dado o impacto desta no funcionamento da família atual. Contudo, muitas vezes estas questões não são fáceis de serem trabalhadas (Sampaio, 2012).

O objetivo do presente estudo é explorar a relação entre as experiências da família de origem, o funcionamento da família atual assim como a sua resiliência e diferenciação do *self* como variáveis mediadoras. O intuito desta investigação será uma melhor compreensão do impacto das disfuncionalidades da família de origem, mais especificamente dos conflitos, no futuro sistema familiar.

Devido à influência que a família de origem tem na família atual, como referido acima na revisão de literatura, considera-se pertinente a compreensão da forma como a diferenciação do *self* medeia esta relação, visto que esta variável é bastante relevante para o desenvolvimento e estabelecimento de relações.

Posto isto, a primeira hipótese de investigação delineada neste estudo:

Hipótese 1: A resolução dos conflitos na família de origem está positivamente associada ao equilíbrio no funcionamento da família atual, sendo esta relação mediada pela diferenciação do *self*.

A literatura sugere que cada vez mais na terapia sistémica se aborda a importância da resiliência familiar e há o foco em promover as forças da família perante crises e adversidades, de forma a facilitar o processo de intervenção junto das famílias (Walsh, 2002). Posto isto é fundamental compreender a forma como a resiliência familiar medeia a relação entre os conflitos na família de origem e o funcionamento familiar.

Desta forma, delineou-se a última hipótese de investigação:

Hipótese 2: A resolução dos conflitos na família de origem está positivamente associada ao equilíbrio no funcionamento da família atual, sendo esta relação mediada pela resiliência familiar.

Método

Participantes

O presente estudo teve a participação de 163 indivíduos, porém após a análise dos protocolos dos participantes procedeu-se à exclusão de 66 respostas. Esta investigação contou assim com a participação de um total de 97 participantes.

A exclusão de respostas prendeu-se principalmente a dois fatores: o não cumprimento dos requisitos da investigação, nomeadamente, o facto de ter pelo menos 25 anos e estar a coabitar com o companheiro/a há pelo menos 1 ano; o segundo fator e o que reteve mais peso foi o facto de os participantes não completarem o protocolo, deixando respostas em branco.

Posto isto, a amostra final contou com um total de 97 participantes, com idades entre os 25 e 80 anos ($M = 42,77$ anos, $DP = 11,99$). Destes participantes, 74 são do sexo feminino (76,3%) e 23 são do sexo masculino (23,7%).

Relativamente à análise das características sociodemográficas, apurou-se que a maior parte dos indivíduos presentes neste estudo são de nacionalidade portuguesa ($n = 94$; 96,9%) (Tabela 1) e possui uma licenciatura ($n = 44$; 44,3%).

Tabela 1

Caracterização da amostra em relação à Nacionalidade (N = 97)

		Frequência (n)	Percentagem (%)
Nacionalidade	Portuguesa	94	96,9%
	Brasileira	1	1%
	Outras	2	2,1%

No que concerne ao tempo de coabitação, observou-se que a maioria dos participantes coabita com o seu companheiro/a há 10 anos ou mais ($n = 56$; 57,7%) e a maioria coabita com o companheiro/a e os filhos/as ($n = 63$; 64,9%). (Tabela 2)

Tabela 2

Caracterização da amostra em relação aos anos de coabitação (N =97)

		Frequência (n)	Porcentagem (%)
Anos de coabitação	1 a 3 anos	19	19,6%
	4 a 6 anos	15	15,5%
	7 a 9 anos	7	7,2%
	> 10 anos	56	57,7%

Da amostra total, 75 participantes afirmaram ter filhos (77,3%). O número de filhos variou entre 1 e 5, sendo que o mais frequente é 2 filhos (42,3%) (Tabela 3).

Tabela 3

Caracterização da amostra em relação ao número de filhos (N =97)

		Frequência (n)	Porcentagem (%)
Número de filhos	0	22	22,7%
	1	29	29,9%
	2	41	42,3%
	3	4	4,1%
	4	0	0%
	5	1	1%

Delineamento do Estudo

A presente investigação é de natureza transversal, visto que a recolha dos dados aconteceu apenas num momento, quando os indivíduos responderam ao questionário, e por um tempo determinado. Este estudo tem, ainda, uma tipologia correlacional onde irá ser realizada uma análise de mediação.

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico

Com o intuito de caracterizar a amostra foi agrupado um conjunto de questões sociodemográficas relevantes para a investigação. Alguns exemplos destas questões são o género, a idade, habilitações literárias, o tempo de coabitação e o número de filhos. O questionário sociodemográfico encontra-se em anexo (Anexo A).

Escala da Família de Origem

De forma a avaliar os conflitos na família de origem o instrumento utilizado foi a Escala da Família de Origem, desenvolvida por Hovestadt et al. (1985). Este instrumento não está validado para a população portuguesa, desta forma procedeu-se à tradução do instrumento e correção por parte de uma professora de Inglês.

Este é um instrumento de autorresposta que avalia várias dimensões na família de origem, como a clareza de expressão, responsabilidade, respeito pelo outro, abertura para outros, aceitação da separação e perda, sentimentos, ambiente, resolução de conflitos, empatia e confiança. No presente estudo, será apenas utilizada a dimensão da resolução dos conflitos. Os itens presentes nesta dimensão são: “Os conflitos na minha família nunca foram resolvidos”; “Resolver conflitos na minha família era uma experiência muito stressante”; “Na minha família, sentia que podia conversar e resolver conflitos”; “Geralmente conseguimos resolver os conflitos na minha família” (Hovestadt et al., 1985).

O instrumento tem um total de 40 itens sendo que a dimensão que irei usar, resolução de conflitos, tem apenas 4. A escala é pontuada numa escala de tipo Likert de 5 pontos, no qual o 1 se refere a “Discordo totalmente que descreve a minha família de origem” e 5 “Concordo totalmente que descreve a minha família de origem”.

Relativamente aos resultados, após inverter os itens que se encontram na negativa, pontuações mais elevadas referem-se a perceções mais saudáveis da família de origem, isto é, quando a família tem a capacidade de resolver os seus conflitos. (Hovestadt et al., 1985).

O teste de fiabilidade deste instrumento será apresentado juntamente com a seguinte escala.

Inventário do Clima Familiar (ICF)

Esta escala foi inicialmente desenvolvida para adolescentes, no entanto na presente investigação foi adaptada para adultos. Este instrumento foi desenvolvido por Teodoro, Allgayer e Land (2009) com base na escala original desenvolvida por Moos e Moss (1974).

A utilização de outro instrumento para medir os conflitos na família de origem prendeu-se pelo facto do primeiro instrumento ser insuficiente pela quantidade de itens, sendo esta escala um complemento para melhor apurar os conflitos na família de origem.

Este instrumento pretende avaliar a perceção do ambiente familiar em quatro dimensões distintas, nomeadamente a coesão, hierarquia, apoio e conflito. A escala é composta por um total de 32 itens. No presente estudo apenas a dimensão do conflito será utilizada, que contem apenas 6 itens. A dimensão supracitada está associada a uma relação crítica e conflituosa entre os elementos do sistema familiar. Alguns exemplos desta dimensão são “As pessoas criticavam-se umas às outras frequentemente” e “Resolver problemas significava discussão e brigas”.

O instrumento é pontuado numa escala de tipo Likert de 5 pontos, no qual o 1 se refere a “Discordo totalmente” e 5 “Concordo totalmente”.

Relativamente à pontuação desta escala é feita a inversão dos itens, sendo que pontuações mais elevadas refletem um melhor clima familiar, isto é, menos conflitos na família de origem.

No presente estudo, o valor médio deste instrumento foi 3,29 e um desvio padrão de .91. No que concerne à fiabilidade da escala, foi encontrado um valor de consistência interna muito bom ($\alpha = .94$). A Escala da Família de Origem juntamente com o Inventário do Clima Familiar encontra-se em anexo (Anexo B).

Escala de Avaliação da Flexibilidade e Coesão Familiar (FACES IV)

A avaliação da variável Funcionamento Familiar foi feita através da utilização da versão portuguesa da “*Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale–FACES IV*”

desenvolvida inicialmente por Olson, em 2011. A versão portuguesa foi validada e adaptada por Gomes et al. (2019).

É uma escala de autorresposta, inicialmente composta por 42 itens, que se dividem em seis subescalas, com sete itens cada. Na presente investigação apenas serão utilizados 24 itens, referentes às dimensões principais, nomeadamente flexibilidade e coesão. Dentro da subescala coesão familiar há ainda a dimensão Coesão Equilibrada (e.g.: item 1: “*Os membros da minha família apoiam-se uns aos outros durante tempos difíceis*”), Coesão Desagregada/desligada (e.g.: item 21: “*A minha família raramente faz coisas/atividades em conjunto*”) e Coesão Emaranhada/aglutinada (e.g.: item 4: “*Nós passamos demasiado tempo juntos*”). Dentro da dimensão flexibilidade familiar fazem parte a Flexibilidade Equilibrada (e.g.: item 8: “*Os pais partilham a liderança na nossa família*”), Flexibilidade Rígida (e.g.: item 23: “*É importante seguir as regras na nossa família*”) e Flexibilidade Caótica (e.g.: item 18: “*Não existe liderança na nossa família*”). Este instrumento utiliza uma escala de tipo Likert de 5 pontos, sendo que 1 corresponde a “Discordo totalmente” e 5 a “Concordo totalmente” (Olson, 2011).

Para o presente estudo foram criados três rácios. O rácio da Coesão foi feito através da seguinte fórmula: Percentil da Coesão / ((Percentil Coesão Desagregada + Percentil Coesão Aglutinada) / 2). O rácio da Flexibilidade foi feito através da fórmula: Percentil Flexibilidade / ((Percentil Flexibilidade Rígida + Percentil Flexibilidade Caótica) / 2). Por último o rácio total foi feito através da seguinte fórmula: (Rácio Coesão + Rácio Flexibilidade) / 2. Foi através destas pontuações que foi possível testar as hipóteses de estudo (Gomes et al., 2019).

Nesta investigação foi apurado um valor médio de 3,16 e um desvio padrão de .23 para a escala global. Relativamente ao teste de fiabilidade, a consistência interna observada foi ($\alpha = .64$). No que concerne os valores de consistência interna das subescalas, foram encontrados valores mais baixos nas subescalas de flexibilidade equilibrada ($\alpha = .68$) ; ($M = 3.84, DP = 0.55$), coesão desagregada ($\alpha = .50$) ; ($M = 2.07, DP = 0.55$), coesão aglutinada ($\alpha = .62$) ; ($M = 2.38, DP = 0.64$), flexibilidade rígida ($\alpha = .59$) ; ($M = 2.55, DP = 0.57$) e flexibilidade caótica ($\alpha = .66$) ; ($M = 2.42, DP = 0.65$). A subescala de coesão equilibrada ($\alpha = .72$) ; ($M = 4.19, DP = 0.49$) apresentou um valor razoável.

A Escala de Avaliação da Flexibilidade e Coesão Familiar encontra-se em anexo (Anexo C).

Walsh Family Resilience Questionnaire

De forma a avaliar a Resiliência Familiar, o instrumento utilizado será a “Walsh Family Resilience Questionnaire”, desenvolvido por Walsh (2015). A versão portuguesa desta escala foi validada e adaptada por Sequeira e Vicente (Sequeira & Vicente, 2010).

Este é um instrumento de autorresposta composto por 32 itens. Destes 32 itens, 13 pretendem avaliar o sistema de crenças (e.g.: item 1: “*A nossa família enfrenta as dificuldades juntos como uma equipa, e não individualmente*”), 9 itens avaliam os padrões de organização da família (e.g.: item 14: “*Somos flexíveis a novos desafios*”) e 10 itens avaliam a comunicação e resolução de problemas (e.g.: item 24: “*Na nossa família somos claros e consistentes no que dizemos e no que fazemos*”).

Este instrumento utiliza uma escala de tipo Likert de 5 pontos, onde 1 corresponde a “Raramente/Nunca” e 5 “Quase sempre”.

A pontuação é calculada através da média de respostas dos participantes aos 32 itens, onde pontuações mais elevadas refletem maior resiliência familiar.

No que diz respeito ao valor médio da escala, este foi de 3,84 e um desvio padrão de .60. O valor de consistência interna da escala global apresentou um valor muito bom ($\alpha = .96$). Relativamente à consistência interna das subescalas, a subescala padrões de organização apresentou uma consistência razoável ($\alpha = .79$); ($M = 3.78$, $DP = .55$). As subescalas sistema de crenças ($\alpha = .92$); ($M = 3.78$, $DP = .63$) e comunicação e resolução de problemas ($\alpha = .94$); ($M = 3.95$, $DP = .69$) revelaram valores de consistência interna muito bons.

Este questionário encontra-se em anexo (Anexo D).

Inventário de Diferenciação do Self - Revisto (IDS-R)

O instrumento para avaliar a diferenciação do *self* foi o Inventário de Diferenciação do *Self* - Revisto (IDS-R). Será utilizado a versão portuguesa do *Differentiation of Self Inventory – Revised (DSI-R)* desenvolvida por Skowron & Schmitt em 2003. A versão portuguesa foi validada e adaptada por Major et al. (2014).

Esta é uma escala de autorrelato sendo composta por 46 itens, que são repartidos em quatro dimensões da diferenciação, nomeadamente, Reatividade Emocional (item 18:” Por

vezes, sinto muitos altos e baixos emocionais”), Posição do Eu (item 31: “Estou mais preocupado(a) em fazer aquilo que acho que está correto, do que em obter a aprovação dos outros”), Cut-off Emocional (item 28: “Quando uma das minhas relações se torna muito intensa, sinto o impulso de fugir dela”) e Fusão com os Outros (item 17: “Sinto necessidade de aprovação de praticamente toda a gente na minha vida”) (Major et al., 2014).

Este inventário tem uma escala de tipo Likert com um total de 6 pontos, sendo que 1 corresponde a “Nada verdadeiro para mim” e 6 a “Muito verdadeiro para mim”. Os cálculos deste inventário são feitos através da inversão dos pontos de todos os itens presentes na dimensão *Cut-off Emocional* e *Reatividade Emocional*, assim como do item 35 correspondente à dimensão da *Posição do Eu* e todos os itens que fazem parte da dimensão *Fusão com os Outros*, com exceção do item 37. Posteriormente, são somadas as pontuações obtidas e divide-se pelo número de itens que cada dimensão contém.

Uma vez que alguns itens são cotados de forma inversa, pontuações mais elevadas em algumas dimensões poderá representar uma presença menor dessa dimensão, por exemplo menor reatividade emocional, menor *cut-off* emocional assim como fusão com os outros.

Na escala global o cálculo é feito através da inversão da cotação dos itens referidos anteriormente. Posteriormente, é feito a soma das pontuações e divide-se pelo número total de itens. Pontuações mais elevadas na escala global refletem maior diferenciação do *self* (Skowron & Schmitt, 2003).

No que concerne aos testes de fiabilidade, a escala global revelou um valor médio de 3.81, um desvio padrão de .55 e um bom valor de consistência interna ($\alpha = .90$), semelhante ao apurado no estudo original ($\alpha = .86$) (Major et al., 2014). Relativamente às subescalas reatividade emocional ($\alpha = .83$); ($M = 3.17$, $DP = .79$), posição do eu ($\alpha = .82$); ($M = 4.31$, $DP = .71$) e *Cut-off* emocional ($\alpha = .82$); ($M = 4.46$, $DP = .77$) apresentaram bons valores de consistência interna. Já a escala fusão com os outros ($\alpha = .76$); ($M = 3.3$, $DP = .71$) apresentou uma consistência razoável.

O Inventário de Diferenciação do Self encontra-se em anexo (Anexo E).

Procedimento

O protocolo da presente investigação foi desenvolvido através da plataforma *Qualtrics*. Após feita uma revisão e aprovação do protocolo, foi assim publicado a sua versão final em diversas plataformas como *Instagram*, *Facebook* e *WhatsApp*.

A recolha de dados teve início a 17 de Abril de 2023 e terminou a 10 de Junho de 2023.

No que concerne ao tipo de amostragem, este foi não probabilístico e de conveniência, utilizando o método “bola de neve”.

A análise e tratamento dos dados estatísticos foi realizado através do programa *IBM SPSS Statistics*, assim como a extensão *Process*.

Resultados

Seguidamente, serão apresentados e analisados os resultados obtidos na presente investigação.

É importante salientar que sendo a amostra superior a 30 participantes, não é necessário todas as variáveis em estudo seguirem uma distribuição normal (Marôco, 2018).

Após a análise das características sociodemográficas em estudo, sublinha-se que nenhum dos fatores sociodemográficos se demonstrou estatisticamente significativo quando correlacionado com as variáveis em estudo, isto é, nenhum indicador sociodemográfico demonstrou um efeito influente nas variáveis em estudo.

Para a primeira hipótese de investigação do presente estudo: “A resolução dos conflitos na família de origem está positivamente associada ao equilíbrio no funcionamento da família atual, sendo esta relação mediada pela diferenciação do *self*”, procedeu-se a uma análise de mediação.

De forma a realizar uma análise de mediação é necessário, primeiramente, analisar se as variáveis em estudo se correlacionam de forma significativa. Posto isto, foi realizada uma matriz correlacional com as variáveis presentes na primeira hipótese (Tabela 4).

Tabela 4

Matriz de correlação: Resolução dos conflitos na família de origem, funcionamento familiar e diferenciação do self

Variáveis em estudo	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Resolução dos conflitos na família de origem	-							
2. Coesão	.46**	-						
3. Flexibilidade	n.s	.43**	-					
4. Diferenciação do self	.36**	.43**	.28**	-				
5. Reatividade emocional	.34**	.24*	n.s	.84**	-			
6. Posição do eu	.25*	.34**	n.s	.60**	.29**	-		
7. <i>Cut-off</i> emocional	.41**	.56**	.33**	.69**	.44**	.23*	-	
8. Fusão com os outros	n.s	n.s	n.s	.79**	.71**	.28**	.33**	-

Nota: ** p -value < 0.01; * p -value < 0.05; n.s = não significativo

Após a análise de correlação, é possível observar uma correlação positiva e estatisticamente significativa entre a resolução de conflitos na família de origem e uma das dimensões do funcionamento familiar, nomeadamente a coesão.

Contudo, uma das dimensões do funcionamento familiar, a dimensão flexibilidade, não se mostrou estatisticamente significativa com a variável resolução dos conflitos na família de origem e com as variáveis reatividade emocional, posição do eu e fusão com os outros. Desta forma, não será feita a análise de mediação com a dimensão flexibilidade, visto não cumprir os critérios para a análise de mediação (não se correlacionar estatisticamente com as outras variáveis).

A partir desta matriz, é possível concluir que a resolução dos conflitos na família de origem encontra-se correlacionada de forma positiva e significativa com a variável diferenciação do *self*.

Relativamente às dimensões que constituem a variável diferenciação do *self*, apurou-se que apenas as dimensões reatividade emocional, posição do eu e *cut-off* emocional se

revelaram estatisticamente significativas com a variável resolução de conflitos na família de origem.

Uma vez que a dimensão da diferenciação do self, fusão com os outros, não se revelou estatisticamente significativa com as variáveis resolução dos conflitos na família de origem, assim com as dimensões do funcionamento familiar, coesão e flexibilidade, não será realizada a análise de mediação com a dimensão fusão com os outros, visto não cumprir os critérios para tal.

Em suma, com base nos resultados obtidos na matriz correlacional apresentada, a análise de mediação será realizada apenas com as seguintes variáveis mediadoras: reatividade emocional, posição do eu e *cut-off* emocional. Sendo, ainda, excluída uma das dimensões do funcionamento familiar, nomeadamente, a dimensão flexibilidade.

Relação entre Resolução de Conflitos na Família de Origem e Coesão, mediada pela Reatividade Emocional

Para investigar o papel mediador da variável reatividade emocional na relação entre resolução dos conflitos da família de origem e a coesão, realizou-se uma análise de mediação representada na tabela 5.

Apurou-se uma relação positiva entre a resolução dos conflitos da família de origem e a reatividade emocional (caminho a), sendo esta relação estatisticamente significativa. A variável conflitos na família de origem é capaz de explicar, aproximadamente, cerca de 12% da variável reatividade emocional.

No que diz respeito à relação entre a reatividade emocional e coesão (caminho b), esta não apresenta um efeito estatisticamente significativo ($p = 0,338$).

O efeito direto (c'), representado pela relação entre a resolução dos conflitos na família de origem e a coesão, controlado pela reatividade emocional, revelou um efeito significativo.

Relativamente ao efeito indireto ($a*b$), o modelo de mediação proposto não se revelou estatisticamente significativo, visto que o intervalo de confiança contém o valor 0 e ainda o valor do limite inferior do intervalo de confiança é negativo enquanto o limite superior apresenta um valor positivo. Desta forma, o presente modelo de mediação não se apresenta significativo, apresentando um efeito nulo.

O modelo de mediação investigado explica cerca de 2,1% da relação da resolução dos conflitos na família de origem com a coesão.

Tabela 5

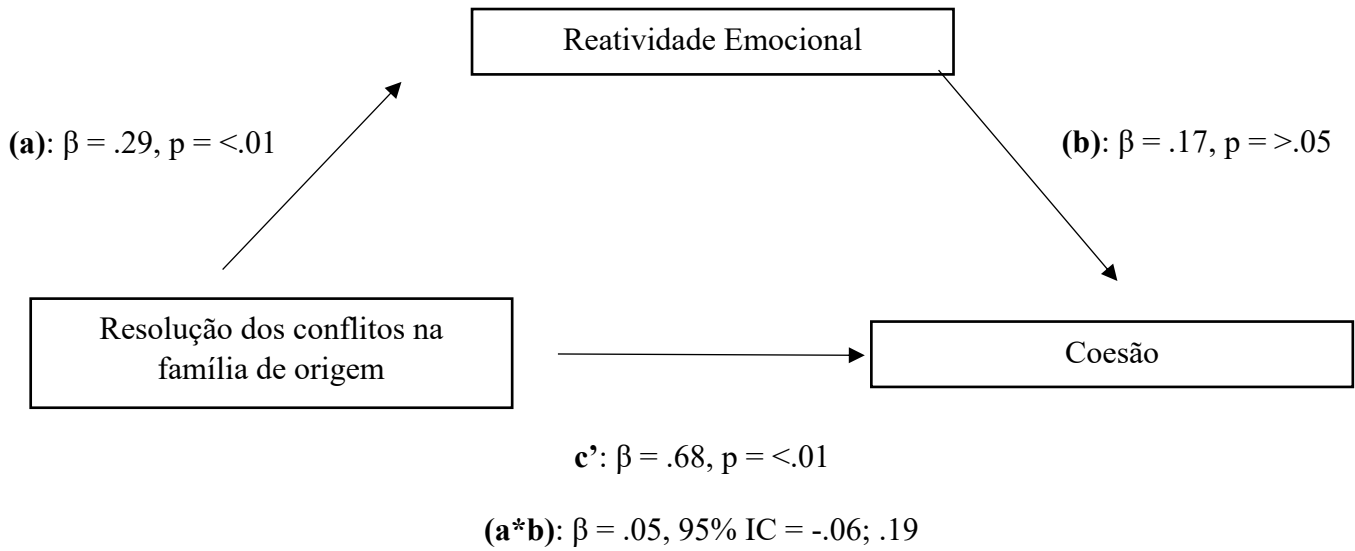
Efeito total, direto e indireto da resolução dos conflitos na família de origem na coesão passando pela reatividade emocional (N = 97).

	Coeff	SE	t	p
Resolução dos conflitos na família de origem → Reatividade emocional (a)	.29	.08	3.52	.001**
Reatividade emocional → Coesão (b)	.17	.18	.96	n.s
Efeito Total (c)	.73	.15	4.99	.00**
Efeito Direto (c')	.68	.16	4.37	.00**
<i>Bootstrapping para o efeito indireto</i>				
	Efeito	BooSE	Boo 95% LLCI	Boo 95% ULCI
Efeito Indireto (a*b)	.05	.06	-.06	.19
<hr/>				
R ² = 2,1%				

Nota: ** p < .01; * p < .05; n.s = não significativo; Coeff = Coeficiente; SE = Desvio-padrão; LLCI = Limite Inferior do intervalo de confiança a 95%; ULCI = Limite Superior do intervalo de confiança a 95%; Boo = Resultados com método *Bootstap*.

Figura 1

Modelo de mediação: resolução dos conflitos na família de origem e coesão, passando pela reatividade emocional



Relação entre Resolução de Conflitos na Família de Origem e Coesão, mediada pela Posição do Eu

Para estudar o papel mediador da variável posição do eu na relação entre resolução dos conflitos da família de origem e a coesão, realizou-se uma segunda análise de mediação representada na tabela 6.

Registou-se uma relação positiva e estatisticamente significativa entre a resolução dos conflitos da família de origem e a posição do eu (caminho a). A variável conflitos na família de origem é capaz de explicar, aproximadamente, cerca de 6,2% da variável posição do eu.

No que concerne a relação entre a posição do eu e coesão (caminho b), esta apresentou-se positiva e estatisticamente significativa.

O efeito direto (c'), representado pela relação entre a resolução dos conflitos na família de origem e a coesão, controlado pela posição do eu, revelou um efeito positivo e estatisticamente significativo.

Relativamente ao efeito indireto ($a*b$), o modelo de mediação proposto não se revelou estatisticamente significativo, visto que o intervalo de confiança contém o valor 0, apesar de todos os efeitos e variáveis se apresentarem estatisticamente significativos. Posto isto, o modelo de mediação proposto não se apresenta significativo, apresentando um efeito nulo.

O modelo de mediação investigado explica cerca de 2,1% da relação da resolução dos conflitos na família de origem com a coesão.

Tabela 6

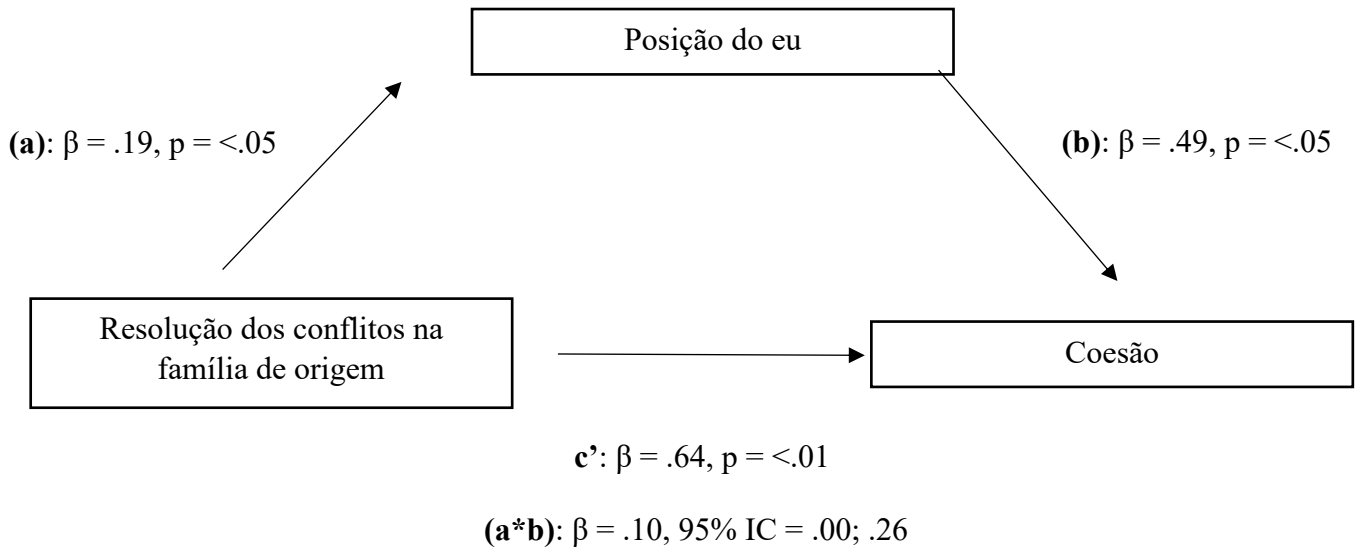
Efeito total, direto e indireto da resolução dos conflitos na família de origem na coesão passando pela posição do eu (N = 97).

	Coeff	SE	t	p
Resolução dos conflitos na família de origem → Posição do eu (a)	.19	.08	2.50	.01*
Posição do eu → Coesão (b)	.49	.19	2.59	.01*
Efeito Total (c)	.73	.15	4.99	.00**
Efeito Direto (c')	.64	.15	4.34	.00**
<i>Bootstrapping para o efeito indireto</i>				
	Efeito	BooSE	Boo 95% LLCI	Boo 95% ULCI
Efeito Indireto (a*b)	.10	.07	.00	.26
$R^2 = 2,1\%$				

Nota: ** p < .01; * p < .05; Coeff = Coeficiente; SE = Desvio-padrão; LLCI = Limite Inferior do intervalo de confiança a 95%; ULCI = Limite Superior do intervalo de confiança a 95%; Boo = Resultados com método *Bootstap*.

Figura 2

Modelo de mediação: resolução dos conflitos na família de origem e coesão, passando pela posição do eu



Relação entre Resolução de Conflitos na Família de Origem e Coesão, mediada pelo cut-off emocional

O terceiro modelo procurou estudar o papel mediador do *cut-off* emocional na relação entre resolução dos conflitos da família de origem e a coesão (Tabela 7).

Foi apurada uma relação positiva e estatisticamente significativa entre a resolução dos conflitos da família de origem e o *cut-off* emocional (caminho a). A variável conflitos na família de origem é capaz de explicar, aproximadamente, cerca de 16,9% da variável *cut-off* emocional.

A relação entre o *cut-off* emocional e coesão (caminho b), registou-se como positiva e estatisticamente significativa.

Relativamente ao efeito direto (c'), representado pela relação entre a resolução dos conflitos na família de origem e a coesão, controlado pelo *cut-off* emocional, revelou-se positivo e estatisticamente significativo.

No que diz respeito ao efeito indireto ($a*b$), o presente modelo de mediação revelou-se estatisticamente significativo, visto que o intervalo de confiança não contém o valor 0. Sucintamente, o modelo de mediação proposto confirma que o *cut-off* emocional apresenta um papel mediador na relação entre a resolução dos conflitos na família de origem e a coesão.

Após verificar os coeficientes do efeito direto (c') e do efeito total (c), observou-se que esta é uma mediação parcial, uma vez que o efeito direto continua a ser estatisticamente significativo mesmo sem a variável mediadora.

O presente modelo de mediação explica cerca de 2,1% da relação da resolução dos conflitos na família de origem com a coesão.

Tabela 7

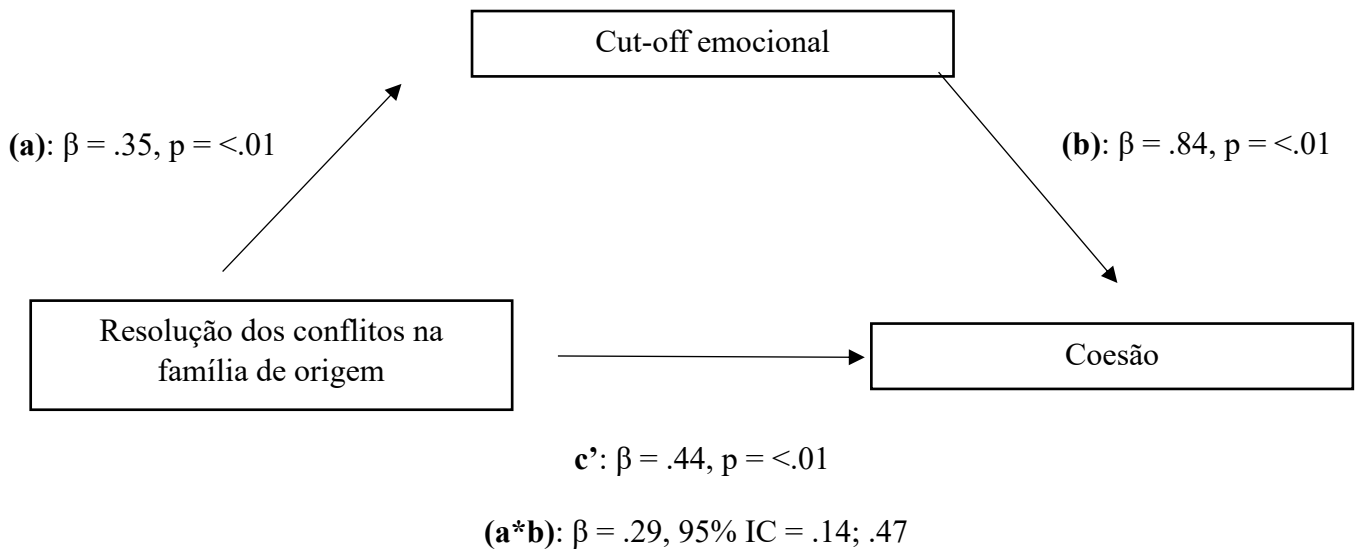
Efeito total, direto e indireto da resolução dos conflitos na família de origem na coesão passando pelo cut-off emocional (N = 97).

	Coeff	SE	t	p
Resolução dos conflitos na família de origem → Cut-off emocional (a)	.35	.08	4.39	.00**
Cut-off emocional → Coesão (b)	.84	.17	4.92	.00**
Efeito Total (c)	.73	.15	4.99	.00**
Efeito Direto (c')	.44	.14	3.06	.00**
<i>Bootstrapping para o efeito indireto</i>				
	Efeito	BooSE	Boo 95% LLCI	Boo 95% ULCI
Efeito Indireto (a*b)	.29	.09	.14	.47
R ² = 2,1%				

Nota: ** p < .01; * p < .05; Coeff = Coeficiente; SE = Desvio-padrão; LLCI = Limite Inferior do intervalo de confiança a 95%; ULCI = Limite Superior do intervalo de confiança a 95%; Boo = Resultados com método *Bootstap*.

Figura 3

Modelo de mediação: resolução dos conflitos na família de origem e coesão, passando pelo cut-off emocional



Para a segunda hipótese de investigação: “A resolução dos conflitos na família de origem está positivamente associada ao equilíbrio no funcionamento da família atual, sendo esta relação mediada pela resiliência familiar”, procedeu-se a uma análise de mediação.

Como já referido anteriormente, de forma a ser realizada uma análise de mediação é necessário analisar se as variáveis em estudo se correlacionam de forma significativa. Desta forma, a matriz correlacional com as variáveis presentes na segunda hipótese encontra-se na tabela 8.

Tabela 8

Matriz de correlação: Resolução dos conflitos na família de origem, funcionamento familiar e resiliência familiar

Variáveis em estudo	1	2	3	4
1. Resolução dos conflitos na família de origem	-			
2. Coesão	.46**	-		
3. Flexibilidade	n.s	.43**	-	
4. Resiliência Familiar	.37**	.60**	.44**	-

N =Nota: ** p -value < 0.01; * p -value < 0.05; n.s = não significativo

A análise da matriz correlacional apresentada demonstrou uma associação positiva e significativa entre a variável resolução de conflitos na família de origem e uma das dimensões do funcionamento familiar, nomeadamente a coesão.

A dimensão flexibilidade não se mostrou estatisticamente significativa com a variável resolução dos conflitos na família de origem, desta forma não será feita a análise de mediação com a mesma, visto não cumprir os critérios para a análise de mediação.

A variável resolução dos conflitos na família de origem encontra-se correlacionada de forma positiva e significativa com a variável resiliência familiar.

É, ainda, possível observar que a dimensão coesão encontra-se correlacionada de forma significativa com a variável resiliência familiar.

Resumidamente, com base nos resultados obtidos na matriz correlacional apresentada, apenas será excluída a dimensão flexibilidade.

Relação entre Resolução de Conflitos na Família de Origem e Coesão, mediada pela Resiliência Familiar

De forma a investigar o papel mediador da resiliência familiar na relação entre resolução dos conflitos da família de origem e a coesão procedeu-se a uma análise de mediação (Tabela 9).

Encontrou-se uma relação positiva e estatisticamente significativa entre a resolução dos conflitos da família de origem e a variável mediadora resiliência familiar (caminho a). A variável conflitos na família de origem é capaz de explicar, aproximadamente, cerca de 13,9% da variável resiliência familiar.

A relação entre a resiliência familiar e coesão (caminho b), registou-se também como positiva e estatisticamente significativa.

Relativamente ao efeito direto (c'), representado pela relação entre a resolução dos conflitos na família de origem e a coesão, controlado pela resiliência familiar, revelou-se positivo e estatisticamente significativo.

No que diz respeito ao efeito indireto ($a*b$), o presente modelo de mediação revelou-se estatisticamente significativo, visto que o intervalo de confiança não contém o valor 0. Em suma, o presente modelo de mediação confirma que a resiliência familiar apresenta um papel mediador na relação entre a resolução dos conflitos na família de origem e a coesão.

Após a análise dos coeficientes do efeito direto (c') e do efeito total (c), observou-se que a presente mediação é parcial, visto que continua a existir uma relação estatisticamente significativa entre as duas variáveis mesmo sem a presença da variável mediadora.

O presente modelo de mediação explica cerca de 2,1% da relação da resolução dos conflitos na família de origem com a coesão.

Tabela 9

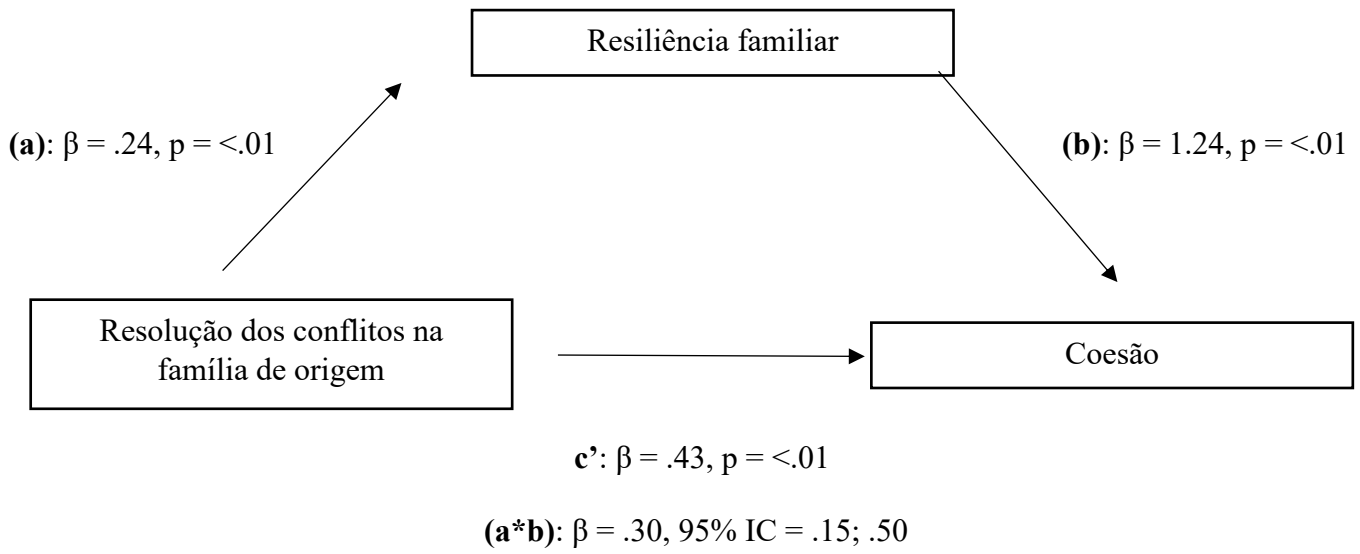
Efeito total, direto e indireto da resolução dos conflitos na família de origem na coesão passando pela resiliência familiar (N = 97).

	Coeff	SE	t	p
Resolução dos conflitos na família de origem → Resiliência familiar (a)	.24	.06	3.92	.00**
Resiliência familiar → Coesão (b)	1.24	.21	5.95	.00**
Efeito Total (c)	.73	.15	4.99	.00**
Efeito Direto (c')	.43	.14	3.18	.00**
<i>Bootstrapping para o efeito indireto</i>				
	Efeito	BooSE	Boo 95% LLCI	Boo 95% ULCI
Efeito Indireto (a*b)	.30	.09	.15	.50
<hr/>				
R ² = 2,1 %				

Nota: ** p < .01; * p < .05; Coeff = Coeficiente; SE = Desvio-padrão; LLCI = Limite Inferior do intervalo de confiança a 95%; ULCI = Limite Superior do intervalo de confiança a 95%; Boo = Resultados com método *Bootstap*.

Figura 4

Modelo de mediação: resolução dos conflitos na família de origem e coesão, passando pela resiliência familiar



Discussão

Na presente seção do trabalho irá ser discutido os resultados encontrados, com o intuito de lhes atribuir um significado no atual contexto.

Posto isto, sublinha-se que a atual investigação teve como primeira hipótese compreender o papel mediador da diferenciação do self na relação entre a resolução dos conflitos na família de origem e o funcionamento da família atual. A segunda hipótese teve como objetivo explorar o papel mediador da resiliência familiar na relação entre a resolução dos conflitos na família de origem e o funcionamento da família atual.

O papel mediador da Diferenciação do Self na relação entre a Resolução dos Conflitos na Família de Origem e o Funcionamento da Família Atual

Um dos resultados encontrados na presente investigação demonstrou que a resolução de conflitos na família de origem não se relaciona totalmente com o funcionamento da família atual, contrariamente ao que seria de esperar, visto não ter sido encontrada uma relação estatisticamente significativa entre a resolução de conflitos na família de origem e a flexibilidade.

Procedeu-se assim a uma análise de mediação, sem a variável flexibilidade e uma das dimensões da variável diferenciação do self, fusão com os outros, visto não se correlacionarem de forma significativa com a variável resolução dos conflitos na família de origem.

Uma possível explicação para a variável fusão com os outros não estar relacionada com a resolução dos conflitos, poderá ser devido ao facto de esta ser determinada ou explicada por outros aspetos e variáveis que não foram apurados nesta investigação. A título de exemplo, outros estudos revelam que esta variável está fortemente relacionada com aspetos culturais e não apenas às experiências e dinâmicas da família de origem (Manzi et al., 2006; Lam & Chan-so, 2015).

O primeiro modelo de mediação, teve como objetivo testar o papel mediador da reatividade emocional na relação entre a resolução dos conflitos na família de origem e a coesão do futuro sistema familiar. Este modelo não se demonstrou significativo, ou seja, a reatividade emocional não apresenta ter influência nesta relação.

Noutros estudos realizados anteriormente, esta variável não se demonstrou igualmente significativa (Lampis, 2016; Lampis et al., 2019). Uma possível explicação para este resultado poderá estar associada ao facto da reatividade emocional poder ser explicada por outras variáveis e não apenas pela família de origem. A reatividade emocional poderá também estar relacionada com variáveis como a perceção da reatividade emocional dos parceiros amorosos, isto é, quanto maior for a perceção do parceiro ser emocionalmente reativo maior será a tendência de o próprio o ser, levando a disfuncionalidades na relação de casal e familiar (Gardner et al., 2007).

O segundo modelo de mediação testado, o papel mediador da posição do eu na relação entre a resolução dos conflitos na família de origem e a coesão do futuro sistema familiar, não se demonstrou significativo, isto é, a posição do eu não demonstra ter influencia nesta relação. Uma possível explicação para este resultado, encontrado também noutros estudos, poderá ser devido ao facto de a posição do eu se apresentar como um grande preditor nas dinâmicas relacionais e sistemas familiares dos homens, isto é, as suas perceções relativamente à coesão familiar e à satisfação nas relações amorosas e familiares deve-se a fatores intrapsíquicos e não a fatores relacionados com a família de origem. Desta forma, o facto da presente investigação ter uma baixa percentagem de participantes do sexo masculino poderá estar a influenciar os resultados (Lampis et al., 2019).

Passando para a discussão do modelo de mediação que se demonstrou significativo, verificou-se que o *cut-off* emocional mediou, de forma parcial, a relação entre a resolução dos conflitos na família de origem e a dimensão coesão familiar. Desta forma, observa-se que a variável resolução dos conflitos na família de origem continua a ter impacto na coesão, mesmo sem a variável *cut-off* emocional. Através deste modelo, é possível compreender que a resolução dos conflitos na família de origem tem influência nos níveis de *cut-off* emocional com a família de origem e que por consequente irá explicar, de certa forma, os níveis de coesão do futuro sistema familiar.

Apesar de este resultado não ser esperado, na literatura parece haver suporte que vai de encontro ao mesmo. Quanto maiores os níveis de *cut-off* emocional com a família de origem, maior vai ser a tendência para investirem, de forma irrealista, nas suas relações futuras. Que por sua vez irá contribuir para que os problemas não resolvidos na família de origem sejam transportados para o novo sistema familiar. Isto é, tendo em conta o facto de existir no futuro um investimento irrealista, isto irá explicar de forma incorreta os níveis de coesão do futuro

sistema familiar, tendo em conta os níveis de *cut off* emocional com a família de origem (Kerr, 1984).

Um estudo de Lampis e colaboradores (2018), revelou também que sujeitos que apresentam altos níveis de *cut off* emocional tem tendência para demonstrar níveis de autonomia e independência de forma exagerada, com o intuito de originar uma ilusão de separação emocional relativamente à sua família de origem. O que por consequente irá ser transportado para a dinâmica e funcionamento da família atual.

Perante estes resultados, é possível concluir que a primeira hipótese do estudo foi parcialmente corroborada.

O papel mediador da Resiliência Familiar na relação entre a Resolução dos Conflitos na Família de Origem e o Funcionamento da Família Atual

Na segunda hipótese da presente investigação, procedeu-se igualmente a uma análise de mediação, mais uma vez sem a variável flexibilidade, visto não se correlacionar com a variável resolução dos conflitos na família de origem.

O presente modelo de mediação teve como intuito explorar o papel mediador da resiliência familiar na relação entre a resolução dos conflitos na família de origem e a coesão do futuro sistema familiar. Este modelo revelou-se significativo, onde a resiliência familiar mediou parcialmente a relação entre as duas variáveis, visto que continua a existir uma relação significativa entre a resolução dos conflitos na família de origem e a coesão, mesmo sem a presença da variável resiliência familiar. Este modelo permite compreender que a resolução dos conflitos na família de origem tem influência na resiliência familiar e que por consequente irá ter impacto no futuro funcionamento familiar.

Vários estudos suportam este resultado, na medida em que a resiliência familiar refere-se à forma como a família enfrenta e lida com as crises e adversidades que vão surgindo ao longo do ciclo de vida. Estas crenças podem ser transportadas a partir do sistema da família de origem, que irá ter impacto na forma como o futuro sistema familiar enfrenta as crises assim como no próprio funcionamento da família (Walsh, 2002).

Estes resultados vão de encontro à literatura visto que esta corrobora o facto de a resiliência familiar ser reforçada pelo funcionamento familiar, nomeadamente pela coesão (Walsh, 2003).

Em suma, os resultados encontrados relativamente à segunda hipótese permitiram assim a sua confirmação, visto que foi encontrada uma associação positiva e significativa entre a resolução dos conflitos na família de origem e a coesão, sendo esta relação mediada pela resiliência familiar.

Estes resultados vão de encontro à literatura visto que esta corrobora o facto de variáveis como a coesão familiar estar associada à resiliência familiar, isto é, famílias que apresentam melhor coesão têm maior resiliência familiar. A resiliência familiar pode ser inferida através da observação de interações familiares, ou seja, com as interações observadas e experienciadas no seio da família de origem (Hawley & DeHaan, 1996).

Outros estudos indicam, ainda, que famílias de origem que apresentavam um bom funcionamento e boa gestão de conflitos no futuro têm melhores níveis de coesão familiar e por sua vez desenvolvem melhores níveis de resiliência familiar (Carr & Kellas, 2018).

A presente investigação veio comprovar que as experiências na família de origem assim como o funcionamento familiar estão fortemente correlacionados com a resiliência do futuro sistema familiar.

Limitações e Estudos Futuros

Relativamente às limitações do presente estudo, destacam-se as seguintes. Como primeiro ponto, é importante referir o tipo de amostra, isto é, o facto de ser uma amostra de pequena dimensão, apenas com 97 participantes, poderá ter influenciado os resultados obtidos, não podendo ser considerado representativo da população portuguesa.

Como segundo ponto, sublinha-se o tipo de investigação, ou seja, o facto de ser um estudo transversal poderá ter influenciado, de certa forma, os resultados não significativos entre a relação dos conflitos na família de origem, o funcionamento familiar e a diferenciação do self. De forma a colmatar esta limitação sugere-se um estudo longitudinal, com o intuito de uma melhor compreensão e análise acerca das variáveis em estudo.

Uma limitação que surgiu durante a análise dos resultados obtidos na primeira hipótese, prendeu-se no facto de os valores do beta serem diferentes na relação entre a resolução dos conflitos na família de origem e a coesão, nas três mediações. Uma possível justificação para este fenómeno poderá ser devido ao reduzido tamanho da amostra, ou seja, o tamanho da amostra pode ter afetado a precisão das estimativas levando a coeficientes beta variáveis. Posto isto e de acordo com outros estudos, conclui-se que amostras reduzidas podem levar a estimativas menos precisas dos coeficientes beta, podendo resultar em diferenças nos valores.

Outro ponto importante de referir, que surgiu durante a análise dos resultados, prende-se com a discrepância entre sexos, sendo apenas 23% do sexo masculino. Isto poderá ter tido impacto nos resultados obtidos visto que uma das variáveis, nomeadamente a diferenciação do self, sofre influências do género. Estudos realizados anteriormente reportam que a dimensão da posição do eu está mais presente nos homens do que nas mulheres, podendo desta forma ter influenciado os resultados presentes.

Na mesma sequência de ideias, torna-se assim pertinente explorar o papel do género na diferenciação do self, em futuras investigações.

No que se refere aos estudos futuros, considero relevante aprofundar e explorar a dimensão fusão com os outros na relação entre a família de origem, o funcionamento familiar e a resiliência familiar, visto não ter sido possível neste estudo devido aos resultados não significativos.

Nesta sequência, apesar do presente estudo não ter incluído uma das dimensões do funcionamento familiar, a comunicação, seria pertinente aprofundar a influência da família de origem na comunicação do futuro sistema familiar, assim como o impacto da diferenciação do self e resiliência familiar na mesma.

Por último, considera-se ainda pertinente explorar outras variáveis mediadoras que possam influenciar a relação entre a família de origem e o funcionamento familiar, de forma a melhor compreender o fenómeno da transgeracionalidade.

No que diz respeito às implicações clínicas e práticas desta investigação destaca-se o impacto da família de origem, as suas dinâmicas e interações, na família atual, mais concretamente no funcionamento familiar assim como na resiliência familiar das gerações seguintes. Os resultados obtidos vieram corroborar a importância dos processos

transgeracionais na prática clínica, reforçando o trabalho destes fenómenos junto das famílias, em contexto terapêutico mais especificamente em terapia de casal e familiar.

Referências bibliográficas

- Bartle-Haring, S., Worch, S. & Vanbergen, A. (2019). Differentiation: Moderator or mediator for change in satisfaction in the early sessions of couple therapy. *Psychotherapy Research*, 30 (3), 387-01. <https://doi.org/10.1080/10503307.2019.1669842>
- Black, K., & Lobo, M. (2008). A conceptual review of family resilience factors. *Journal of family nursing*, 14(1), 33-55. <https://doi.org/10.1177/1074840707312237>
- Bowen, M. (1976). Theory in the practice of psychotherapy. *Family therapy: Theory and practice*, 4(1), 2-90.
- Burnette, C. E., Boel-Studt, S., Renner, L. M., Figley, C. R., Theall, K. P., Miller Scarnato, J., & Billiot, S. (2020). The Family Resilience Inventory: A culturally grounded measure of current and family-of-origin protective processes in native American families. *Family process*, 59(2), 695-708. <https://doi.org/10.1111/famp.12423>
- Calatrava, M., Martins, M. V., Schweer-Collins, M., Duch-Ceballos, C., & Rodríguez gonzález, M. (2022). Differentiation of self: A scoping review of Bowen Family Systems Theory's core construct. *Clinical psychology review*, 91, 102101. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2021.102101>
- Carr, K., & Kellas, J. K. (2018). The role of family and marital communication in developing resilience to family-of-origin adversity. *Journal of Family Communication*, 18(1), 68-84. <https://doi.org/10.1080/15267431.2017.1369415>

- Charles, R. (2001). Is there any empirical support for Bowen's concepts of differentiation of self. *American Journal of family therapy*, 29(4), 279-292. <https://doi.org/10.1080/01926180126498>
- Costa-Ramvalho, S., Marques-Pinto, A., & Ribeiro, M. T. (2017). The retrospective experience of climate in the family-of-origin and dyadic coping in couple relationships: Pathways to dyadic adjustment. *Journal of Family Studies*, 23(3), 371-388. <https://doi.org/10.1080/13229400.2015.1131732>
- Gardner, B. C., Busby, D. M., & Brimhall, A. S. (2007). Putting emotional reactivity in its place? Exploring family-of-origin influences on emotional reactivity, conflict, and satisfaction in premarital couples. *Contemporary Family Therapy*, 29, 113-127. <https://doi.org/10.1007/s10591-007-9039-x>
- Gomes, H. M. S., Peixoto, F., & Gouveia-Pereira, M. (2019). Portuguese validation of the family adaptability and cohesion evaluation scale–FACES IV. *Journal of Family Studies*, 25(4), 477-494. <https://doi.org/10.1080/13229400.2017.1386121>
- Gouveia-Pereira, M. & Miranda, M. (2021). Manual de Terapia Familiar. Pactor.
- Hawley, D. R., & DeHaan, L. (1996). Toward a definition of family resilience: Integrating life-span and family perspectives. *Family process*, 35(3), 283-298. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1996.00283.x>
- Holman, T. B. & Busby, D. M. (2011). Family-of-Origin, Differentiation of Self and Partner, and Adult Romantic Relationship Quality. *Journal of Couple and Relationship Therapy*, 10(1), 3-9. <https://doi.org/10.1080/15332691.2010.539171>
- Hovestadt, A. J., Anderson, W. T., Piercy, F. P., Cochran, S. W., & Fine, M. (1985). A family-of-origin scale. *Journal of Marital and family therapy*, 11(3), 287-297. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.1985.tb00621.x>

- Kerr, M. E. (1984). Theoretical base for differentiation of self in one's family of origin. *The Clinical Supervisor*, 2(2), 3-36. https://doi.org/10.1300/J001v02n02_02
- Klever, P. (2005). The Multigenerational Transmission of Family Unit Functioning. *The American Journal of Family Therapy*, 33(3), 253-264. <https://doi.org/10.1080/01926180590952436>
- Knapp, D. J., Norton, A. M., & Sandberg, J. G. (2015). Family-of-origin, relationship self regulation, and attachment in marital relationships. *Contemporary Family Therapy*, 37(2), 130-141. <https://doi.org/10.1007/s10591-015-9332-z>
- Lam, C. M., & Chan-So, P. C. (2015). Validation of the Chinese version of Differentiation of Self Inventory (C-DSI). *Journal of marital and family therapy*, 41(1), 86-101. <https://doi.org/10.1111/jmft.12031>
- Lampis, J. (2016). Does partners' differentiation of self predict dyadic adjustment?. *Journal of Family Therapy*, 38(3), 303-318. <https://doi.org/10.1111/1467-6427.12073>
- Lampis, J., Cataudella, S., Agus, M., Busonera, A. & Skowron, E. A. (2019). Differentiation of Self and Dyadic Adjustment in Couple Relationships: A Dyadic Analysis Using the Actor-Partner Interdependence Model. *Family Process*, 58(3), 698-715. <https://doi.org/10.1111/famp.12370>
- Lieberman, S. (1979). A transgenerational theory. *Journal of Family Therapy*, 1(3), 347–360. <https://doi.org/10.1046/j..1979.00506.x>
- Major, S., Rodríguez-González, R., Miranda, C., Rousselot, M. & Relvas A. P. (2014). Inventário de Diferenciação do Self – Revisto (IDS-R). In A. P. Relvas & S. Major

(Coords.), *Avaliação Familiar: Funcionamento e Intervenção* (Cap. 4, pp. 71-96).
Imprensa da Universidade de Coimbra.

http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0839-6_3

Manzi, C., Vignoles, V. L., Regalia, C., & Scabini, E. (2006). Cohesion and enmeshment revisited: differentiation, identity, and well-being in two European cultures. *Journal of Marriage and Family*, 68(3), 673-689.

<https://doi.org/10.1111/j.1741-737.2006.00282.x>

Marôco, J. (2018). *Análise estatística com o SPSS statistics*. (7ª edição). ReportNumber.

Monk, J. K., Ogolsky, B. G., Rice, T. M., Dennison, R. P., & Ogan, M. (2020). The role of family-of-origin environment and discrepancy in conflict behavior on newlywed marital quality. *Journal of Social and Personal Relationships*, 38(1), 124-147.

<https://doi.org/10.1177/0265407520958473>

Olson, D. H., Sprenkle, D. H., & Russell, C. S. (1979). Circumplex model of marital and family systems: I. Cohesion and adaptability dimensions, family types, and clinical applications. *Family process*, 18(1), 3-28.

<https://doi.org/10.1111/j.1545-300.1979.00003.x>

Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of family therapy*, 22(2), 144-167. <https://doi.org/10.1111/1467-6427.00144>

Olson, D. H. (2011). FACES IV and the circumplex model: Validation study. *Journal of marital and family therapy*, 37(1), 64-80.

<https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2009.00175.x>

Rhoades, G. K., Stanley, S. M., Markman, H. J. & Ragan, E. P. (2012). Parents' marital status, conflict, and role modeling: Links with adult romantic relationship quality.

Journal of Divorce & Remarriage, 53(5), 348-367.
<https://doi.org/10.1080/10502556.2012.675838>

Rodríguez-González, M., Martins, M. V., Bell, C. A., Lafontaine, M. F. & Costa, M. E. (2019). Differentiation of Self, Psychological Distress, and Dyadic Adjustment: Exploring an Integrative Model Through an Actor–Partner Analysis. *Contemporary Family Therapy*, 41, 293-303. <https://doi.org/10.1007/s10591-019-09493-x>

Sabatelli, R. M., & Bartle-Haring, S. (2003). Family-of-origin experiences and adjustment in married couples. *Journal of Marriage and Family*, 65(1), 159-169. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2003.00159.x>

Sampaio, D. (2012). *Labirinto de Mágoas: As crises do casamento e como enfrentá-las* (1ª ed.). Caminho.

Sampaio, D., & Gameiro, J. (1985). *Terapia Familiar*. Edições Afrontamento.

Santos, M., Vilaça, M., Portugal, A., & Relvas, A. P. (2021). Funcionamento Familiar: Revisão de Estudos Empíricos sobre Medidas de Avaliação (FAD, FACES-IV e SCORE-15). *Revista iberoamericana de diagnóstico y evaluación psicológica*, 4(61), 49-64. <https://doi.org/10.21865/RIDEP61.4.04>

Sequeira, J. & Vicente, H. (2010). *Walsh Family Resilience Questionnaire – Versão Portuguesa*. ISMT.

Skowron, E. A. (2000). The Role of Differentiation of Self in Marital Adjustment. *Journal of Counseling Psychology*, 47(2), 229-237. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.47.2.229>

Skowron, E. A., & Schmitt, T. A. (2003). Assessing interpersonal fusion: Reliability and validity of a new DSI fusion with others subscale. *Journal of marital and family*

therapy, 29(2), 209-222.

<https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2003.tb01201.x>

Teodoro, M. L. M., Allgayer, M., & Land, B. (2009). Desenvolvimento e validade fatorial do Inventário do Clima Familiar (ICF) para adolescentes. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 11(3), 27-39.

<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/2223>

Tillman, K. H., & Nam, C. B. (2008). Family structure outcomes of alternative family definitions. *Population Research and Policy Review*, 27, 367-384.

<https://doi.org/10.1007/s11113-007-9067-0>

Walsh, F. (2002). A family resilience framework: Innovative practice applications. *Family relations*, 51(2), 130-137.

<https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2002.00130.x>

Walsh, F. (2016). Applying a family resilience framework in training, practice, and research: Mastering the art of the possible. *Family process*, 55(4), 616-632.

<https://doi.org/10.1111/famp.12260>

Walsh, F. (2003). Family resilience: A framework for clinical practice. *Family process*, 42(1), 1-18. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2003.00001.x>

Walsh, F. (2015). *Strengthening family resilience* (3rd ed.). Guilford Press.

Walsh, F. (1996). The concept of family resilience: Crisis and challenge. *Family process*, 35(3), 261-281. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1996.00261.x>

Weigel, D. J., Weiser, D. A. (2014). Commitment Messages Communicated in Families of Origin: Contributions to Relationship Commitment Attitudes. *Communication Quarterly*, 62(5), 536–551. <https://doi.org/10.1080/01463373.2014.949382>

Anexos

Anexo A – Questionário Sociodemográfico

Idade: _____

- Sexo: Feminino
 Masculino
 Outro

Nacionalidade: _____

Habilitações Literárias:

- Ensino Básico (i.e. inferior ao 9º ano)
 Ensino Secundário (i.e. até ao 12º ano)
 Curso tecnológico/profissional
 Licenciatura
 Mestrado
 Doutoramento

Há quanto tempo dura a sua relação?

- Menos de 1 ano
 1 a 3 anos
 4 a 6 anos
 7 a 9 anos
 10 anos ou mais

Há quanto tempo vive com o seu companheiro(a)?

- Menos de 1 ano
- 1 a 3 anos
- 4 a 6 anos
- 7 a 9 anos
- 10 anos ou mais

Com quem coabita?

- Com o companheiro/a
- Com o companheiro/a e filho/a ou filhos/as
- Outro

Se respondeu outro, por favor explicita:

Número de Filhos: _____

Anexo B – Escala da Família de Origem e Inventário do Clima Familiar (ICF)

A família de origem é a família com a qual passou a maior parte ou a totalidade dos seus anos de infância. Ao ler as seguintes afirmações, aplique-as à sua família de origem, tal como se lembra. Por favor, responda a cada afirmação utilizando a escala de resposta concedida.

1. Discordo Fortemente	2. Discordo	3. Não concordo nem discordo	4. Concordo	5. Concordo Fortemente
------------------------	-------------	------------------------------	-------------	------------------------

Os conflitos na minha família nunca foram resolvidos	1	2	3	4	5
Resolver conflitos na minha família era uma experiência muito stressante.					
Na minha família, sentia que podia conversar sobre as coisas e resolver conflitos.					
Geralmente conseguíamos resolver os conflitos na minha família.					
Resolver problemas significava discussão e brigas.					
As pessoas criticavam-se umas às outras frequentemente.					
As pessoas resolviam os problemas discutindo.					
As pessoas irritavam-se umas às outras.					
Discutia-se por qualquer coisa.					
As pessoas gozavam umas com as outras.					

Anexo C – Faces IV

Gostaria agora que pensasse na sua família (com quem vive). Já pensou? Assinale a opção para cada afirmação que melhor corresponda ao que acontece na sua família.

	Discordo Fortemente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo Fortemente
Os membros da minha família apoiam-se uns aos outros durante tempos difíceis.					
A minha família tenta novas formas de lidar com os problemas.					
Nós damos-nos melhor com pessoas de fora da nossa família do que com as de dentro.					
Nós passamos “demasiado” tempo juntos.					
Na nossa família, há consequências rigorosas para quem quebra as regras.					
É difícil saber quem é o líder da nossa família.					
Os membros da minha família consultam/conversam com os outros membros da família sobre decisões importantes.					
Os pais partilham a liderança na nossa família.					
Os membros da minha família sabem muito pouco acerca dos amigos dos outros membros da família.					
Os membros da minha família sentem-se pressionados a passarem juntos a maior parte do seu tempo livre.					
Existem consequências claras quando um membro da minha família faz alguma coisa errada.					
Não é claro quem é o responsável por coisas (tarefas, atividades) na nossa família.					
Os membros da minha família gostam de passar algum do seu tempo livre uns com os outros.					
Na nossa família a disciplina/regras são justas.					
Os membros da minha família “estão por sua conta” quando existe um problema para resolver.					
Os membros da minha família são demasiado dependentes uns dos outros.					
Na nossa família há uma regra para quase todas as situações.					
Não existe liderança na nossa família.					

Apesar de os membros da minha família terem interesses individuais, ainda assim participam em atividades familiares.					
Quando surgem problemas, nós estabelecemos compromissos.					
A minha família raramente faz coisas/atividades em conjunto.					
Os membros da família sentem-se culpados se quiserem passar o seu tempo longe da família.					
É importante seguir as regras na nossa família.					
A minha família tem dificuldade em saber quem faz as diferentes tarefas domésticas.					
Os membros da minha família estão satisfeitos com a forma como comunicam uns com os outros.					
Os membros da minha família são muito bons ouvintes.					
Os membros da minha família expressam afetos uns pelos outros.					
Os membros da minha família são capazes de pedir uns aos outros o que querem.					
Os membros da minha família podem calmamente discutir os problemas uns com os outros.					
Os membros da minha família discutem as suas ideias e crenças uns com os outros.					
Quando os membros da minha família fazem perguntas uns sobre os outros obtêm respostas honestas.					
Os membros da minha família tentam compreender os sentimentos uns dos outros.					
Quando zangados, os membros da minha família raramente referem aspetos negativos acerca uns dos outros.					
Os membros da minha família expressam os seus verdadeiros sentimentos uns aos outros.					

Anexo D – Walsh Family Resilience Questionnaire

Agora estamos interessados que pense na experiência da sua família face a situações altamente stressantes. Por favor, partilhe a sua opinião sobre a forma como a sua família lida com estas crises e desafios. Leia cada afirmação abaixo e assinale a que melhor se aplica à sua família.

1. Raramente/Nunca	2. Poucas vezes	3. Algumas vezes	4. Frequentemente	5. Quase sempre
-----------------------	--------------------	---------------------	----------------------	--------------------

A nossa família enfrenta as dificuldades juntos como uma equipa, e não individualmente.	1	2	3	4	5
Encaramos o stress com a nossa situação como algo normal e compreensível.	1	2	3	4	5
Abordamos uma crise como um desafio que conseguimos gerir e superar se partilharmos esforços.	1	2	3	4	5
Tentamos encontrar um sentido para as situações stressantes e concentrarmo-nos nas nossas opções.	1	2	3	4	5
Mantemo-nos esperançosos e confiantes de que iremos superar as dificuldades.	1	2	3	4	5
Encorajamo-nos uns aos outros e reforçamos os nossos pontos fortes.	1	2	3	4	5
Aproveitamos as oportunidades, agimos e persistimos nos nossos esforços.	1	2	3	4	5
Concentramo-nos no que podemos mudar e procuramos aceitar o que não podemos mudar.	1	2	3	4	5
Partilhamos valores importantes e objetivos de vida que nos ajudam a superar as dificuldades.	1	2	3	4	5
Apoiamo-nos nos recursos espirituais (religiosos e não religiosos) para nos ajudar a lidar com as dificuldades.	1	2	3	4	5
Os desafios que enfrentamos inspiram a nossa criatividade, a definição de prioridades mais significativas e o fortalecimento dos vínculos que nos unem.	1	2	3	4	5
As dificuldades reforçaram a nossa compaixão e vontade de ajudar os outros.	1	2	3	4	5

Acreditamos que podemos aprender e fortalecer-nos através dos desafios que enfrentamos.	1	2	3	4	5
Somos flexíveis na adaptação a novos desafios.	1	2	3	4	5
Proporcionamos estabilidade e confiança para amortecer o impacto do stress nos membros da família.	1	2	3	4	5
Uma liderança forte dos pais/cuidadores proporciona carinho, orientação e segurança.	1	2	3	4	5
Nós contamos com os elementos da família para nos entreatudarmos uns aos outros nas dificuldades.	1	2	3	4	5
A nossa família respeita as nossas necessidades e diferenças individuais.	1	2	3	4	5
Na nossa família próxima e alargada temos mentores e bons modelos a seguir.	1	2	3	4	5
Podemos contar com o suporte dos amigos e da nossa comunidade.	1	2	3	4	5
Temos segurança financeira que nos permite superar tempos difíceis.	1	2	3	4	5
Podemos aceder a recursos da nossa comunidade para ajudar a nossa família em tempos difíceis.	1	2	3	4	5
Procuramos informações e esclarecimentos sobre a nossa situação stressante e sobre as opções que temos disponíveis.	1	2	3	4	5
Na nossa família somos claros e consistentes no que dizemos e no que fazemos.	1	2	3	4	5
Podemos expressar as nossas opiniões e ser sinceros uns com os outros.	1	2	3	4	5
Podemos expressar sentimentos negativos e difíceis (e.g. tristeza, zanga, medos).	1	2	3	4	5
Mostramos compreensão entre nós e evitamos culpar alguém.	1	2	3	4	5
Podemos partilhar sentimentos positivos, gratidão, humor e diversão, e encontrar alívio para as nossas dificuldades.	1	2	3	4	5
Colaboramos na discussão e tomada de decisões e lidamos com os desacordos de forma justa.	1	2	3	4	5
Concentramo-nos nos nossos objetivos e tomamos medidas para alcançá-los.	1	2	3	4	5
Celebramos os sucessos e aprendemos com os erros.	1	2	3	4	5
Planeamos e preparamo-nos para o futuro e tentamos prevenir crises.	1	2	3	4	5

Que crenças familiares e/ou práticas são especialmente úteis para lidar com a sua situação stressante?

Comentários:

Anexo E – Inventário de Diferenciação do Self – Revisto (IDS-R)

Por favor, leia atentamente as afirmações que se seguem e assinale uma opção de acordo com o que pensa, de nada verdadeiro para mim a muito verdadeiro para mim. Se achar que uma afirmação não se aplica a si, por favor responda à questão de acordo com o que lhe parece que seriam os seus pensamentos e sentimentos nessa situação.

1. Nada verdadeiro para mim	2. Muito pouco verdadeiro para mim	3. Pouco verdadeiro para mim	4. Algumas vezes verdadeiro para mim	5. Verdadeiro para mim	6. Muito verdadeiro para mim
-----------------------------	------------------------------------	------------------------------	--------------------------------------	------------------------	------------------------------

As pessoas têm reparado que sou excessivamente emotivo(a).	1	2	3	4	5	6
Tenho dificuldade em expressar os meus sentimentos às pessoas que me são queridas.	1	2	3	4	5	6
Sinto-me, frequentemente, inibido(a) junto da minha família.	1	2	3	4	5	6
Tendo a manter-me bastante calmo(a), mesmo sob stress (sob pressão).	1	2	3	4	5	6
Normalmente, preciso de muito encorajamento por parte de outros quando começo um trabalho ou tarefa importante.	1	2	3	4	5	6
Quando alguém que me é próximo me desilude, afasto-me dele/dela por um tempo.	1	2	3	4	5	6
Independentemente do que aconteça na minha vida, sei que nunca perderei a noção daquilo que sou enquanto pessoa.	1	2	3	4	5	6
Tendo a distanciar-me quando as pessoas se aproximam demasiado de mim.	1	2	3	4	5	6
Quero corresponder às expectativas que os meus pais têm de mim.	1	2	3	4	5	6
Gostaria de não ser tão emotivo(a).	1	2	3	4	5	6
Normalmente, não altero o meu comportamento apenas para agradar a outra pessoa.	1	2	3	4	5	6
O(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a) não toleraria se eu lhe expressasse os meus verdadeiros sentimentos sobre alguma coisa.	1	2	3	4	5	6

Quando o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a) me critica, isso incomoda-me durante dias.	1	2	3	4	5	6
Por vezes, os meus sentimentos tomam conta de mim e tenho dificuldades em pensar com clareza.	1	2	3	4	5	6
Quando estou a ter uma discussão com alguém, consigo separar os meus pensamentos acerca do assunto dos meus sentimentos para com essa pessoa.	1	2	3	4	5	6
Sinto-me, frequentemente, desconfortável quando as pessoas se aproximam demasiado de mim.	1	2	3	4	5	6
Sinto necessidade de aprovação de praticamente toda a gente na minha vida.	1	2	3	4	5	6
Por vezes, sinto muitos altos e baixos emocionais.	1	2	3	4	5	6
Não faz sentido aborrecer-me com coisas que não posso mudar.	1	2	3	4	5	6
Estou preocupado(a) por perder a minha independência nas relações íntimas.	1	2	3	4	5	6
Sou excessivamente sensível a críticas.	1	2	3	4	5	6
Tento corresponder às expectativas dos meus pais.	1	2	3	4	5	6
Aceito-me bastante bem.	1	2	3	4	5	6
Sinto, frequentemente, que o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a) exige demasiado de mim.	1	2	3	4	5	6
Concordo, frequentemente, com os outros apenas para não criar conflitos.	1	2	3	4	5	6
Se tiver tido uma discussão com o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a), tendo a pensar nisso o dia todo.	1	2	3	4	5	6
Sou capaz de dizer “não” aos outros, mesmo quando me sinto pressionado por eles.	1	2	3	4	5	6
Quando uma das minhas relações se torna muito intensa, sinto o impulso de fugir dela.	1	2	3	4	5	6
Discussões com os meus pais ou irmão(s) ainda me conseguem fazer sentir terrivelmente.	1	2	3	4	5	6
Se alguém está aborrecido comigo, não consigo aceitar isso facilmente.	1	2	3	4	5	6
Estou mais preocupado(a) em fazer aquilo que acho que está correto, do que em obter a aprovação dos outros.	1	2	3	4	5	6

Nunca consideraria voltar-me para algum dos membros da minha família na procura de apoio emocional.	1	2	3	4	5	6
Sinto-me, frequentemente, inseguro(a) quando os outros não estão por perto para me ajudar a tomar uma decisão.	1	2	3	4	5	6
Sou muito sensível quanto a ser magoado por outros.	1	2	3	4	5	6
A minha autoestima depende realmente do que os outros pensam de mim.	1	2	3	4	5	6
Quando estou com o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a), sinto-me frequentemente sufocado(a).	1	2	3	4	5	6
Ao tomar decisões, raramente me preocupo com o que os outros irão pensar.	1	2	3	4	5	6
Pergunto-me, frequentemente, acerca do tipo de impressão que crio.	1	2	3	4	5	6
Quando as coisas correm mal, falar sobre elas normalmente piora-as.	1	2	3	4	5	6
Sinto as coisas mais intensamente que os outros.	1	2	3	4	5	6
Normalmente, faço o que acredito que é correto independentemente do que os outros dizem.	1	2	3	4	5	6
A nossa relação poderia ser melhor se o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a) me desse o espaço de que necessito.	1	2	3	4	5	6
Tendo a sentir-me bastante estável sob stress (sob pressão).	1	2	3	4	5	6
Por vezes, sinto-me maldisposto(a) depois de discutir com o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a).	1	2	3	4	5	6
Sinto que é importante ouvir as opiniões dos meus pais antes de tomar decisões.	1	2	3	4	5	6
Preocupa-me que as pessoas que me são próximas fiquem doentes, magoadas ou perturbadas.	1	2	3	4	5	6